

MIKHAIL IÚRIEVITCH LIÉRMONTOV

O Herói do Nosso Tempo

Tradução direta do original russo e introdução de
Paulo Bezerra

TOMBO - 75464



SBD-FFLCH-USP



EDITORA  GUANABARA

891.73

L 622 gp

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300111239

Título Original:

Guerói Náchevo Vriêmeni

Copyright da tradução: © Paulo Bezerra, 1988

Direitos exclusivos para a língua portuguesa

Copyright © by

EDITORA GUANABARA S.A.

Travessa do Ouvidor, 11

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20040

1988

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia ou outros), sem permissão expressa da Editora.

EM BUSCA DA TEMPESTADE

Paulo Bezerra

Mikhail Iúrievitch Liérmontov (1814-1841) viveu num período marcado por uma comoção social que afetou toda a sociedade russa. No dia 14 de dezembro de 1825, a oficialidade revolucionária russa levantou-se em armas contra o governo, num movimento que ficou conhecido como decabrismo, derivado da palavra decabr, que em russo significa dezembro.

Os decabristas reivindicavam a supressão do regime servil e o conseqüente fim do feudalismo, a distribuição das terras entre os camponeses, a formação de um governo constitucional, a implantação da democracia representativa, um programa de incentivo às ciências e às artes, em suma, queriam a realização de um programa mínimo que aproximasse a Rússia dos países avançados da Europa Ocidental.

Nicolau I, que substituíra Alexandre I, respondeu a essas reivindicações com uma repressão implacável em escala nacional, executando ou confinando os principais participantes do movimento, instituindo o império da força, dos trabalhos forçados, do castigo físico, da censura ainda mais rigorosa, da castração da atividade científica e do controle permanente das atividades artísticas em geral. A simples correspondência entre marido e mulher era violada, como o foram as cartas de Púchkin, fundador da moderna literatura russa, dirigidas à sua mulher e lidas pelo próprio czar.

Em tais circunstâncias, restava apenas a voz prestigiada de Púchkin, que em 1827 escrevia o poema À Sibéria, tentando infundir nos prisioneiros a fé no fim do czarismo e na vitória da liberdade, colocando a literatura em luta contra o czar.

Liérmontov começa a entrar na adolescência quando explode o levante decabrista, cujas conseqüências lhe deixariam marcas profundas na personalidade e no ideário. Com a sensibilidade aguçada por uma tragédia familiar e convivendo com parentes que estiveram envolvidos diretamente com o decabrismo, conhece

desde garoto uma tragédia maior, aquela que se abate sobre a parte mais representativa do povo russo, privando a geração dos seus mais importantes porta-vozes. Isto teria como consequência o surgimento de um clima de indiferença a todo o sentido de dever, justiça, verdade, de desdém cínico pelo pensamento e a dignidade do homem. Daí o desespero, o desânimo, que Liérmontov registra num poema de 1830:

“Olho para trás — um passado terrível;
olho para a frente — nenhum ser querido”.

Apesar da nostalgia, do desespero que toma conta dos seus versos, sua formação humanista o leva a preocupar-se desde adolescente com os problemas da justiça e da liberdade, principalmente com o drama da sua geração. Sua lira se volta contra a escravidão (A queixa do turco — 1829), constata a inutilidade do saber ante a impossibilidade de exercer a liberdade (Monólogo — 1829), volta-se para os decabristas confinados na Sibéria (Nóvgorod — 1830).

Dois poemas de 1832 oferecem uma espécie de chave para a compreensão da personalidade do autor e da perspectiva da sua obra: Não, eu não sou Byron e O veleiro.

Não, eu não sou Byron, sou o outro
O eleito ainda ignoto,
Como ele, pelo mundo perseguido,
Só que da alma russa imbuído.

A condição de eleito, neurose dos grandes poetas, principalmente dos românticos, pouco acrescentaria não estivesse ele imbuído da “alma russa”, esta determinando toda a estratégia de recriação da herança romântica universal a partir das peculiaridades nacionais, único meio de evitar a cópia mecânica e a apropriação pura e simples de modelos estéticos que, muito amiúde, pouco têm a ver com características específicas de uma cultura nacional. Assim procedendo, Liérmontov destaca o particular no universal, enfatizando o elemento específico russo como seu próprio meio de superação do modelo byroniano. Portanto, é ressaltando a dessemelhança do semelhante, a diferença na identidade, que ele conseguirá superar o modelo byroniano no grande poema de sua vida: O demônio

Alegoria da tempestade em O veleiro.
Branquiça o veleiro solitário
Num oceano de azul brumado!..
Que busca ele em remoto itinerário?
E em seu torrão, o que terá deixado?...

Brincam as ondas, assobia o vento,
Dobra-se o mastro, em rangido...

Não, não é a felicidade o seu intento,
Nem é da felicidade um evadido!

Embaixo a corrente, anilada claridade,
No alto um raio de sol dourado jaz...
E ele, rebelde, procura a tempestade,
Como se na tempestade houvesse paz!

Este poema levanta uma questão intimamente relacionada à personalidade do autor: a procura da paz na tempestade como afirmação da necessidade permanente de resolver um conflito dentro do vendaval de outros conflitos. Logo, o estado de rebeldia do veleiro prenuncia a solução do conflito pela via dialética, que implica o advento de outros conflitos de ordem superior, pois a paz assim alcançada suscitará forçosamente o seu oposto. Assim, o Liérmontov de 18 anos já antecipa os grandes conflitos de sua obra, particularmente de O demônio e O herói do nosso tempo, símbolo maior da insatisfação e busca permanente da tempestade como condição de sobrevivência. E Pietchórin conclui o seu diário constatando a impossibilidade da paz e evocando o veleiro solitário.

A partir de 1833, Liérmontov investe o seu talento na prosa e escreve A princesa Ligovskáia e Vadim, romances inacabados. Dos dois, Vadim merece algumas palavras.

Em Vadim encontramos a tese voltairiana do questionamento da existência de Deus pela não-aceitação do mundo por ele criado, tese que será repetida por vários personagens de Dostoievski, particularmente Ivã Karamázov. Em Vadim a relação entre o bem e o mal antecipa Dostoievski: o bem e o mal são conceitos da mesma cadeia, extremos relativos que ora se aproximam, ora se afastam, dependendo apenas das circunstâncias. Na relação entre os dois, relativizam-se as fronteiras que os separam e abre-se espaço para a alternância, como mostram estas palavras de Vadim: “Se o mal não fosse tão raro como o bem, e este, ao contrário, os nossos crimes seriam considerados os maiores feitos da virtude humana.” Vadim acha possível mudar a natureza, substituí-la por uma nova: “A disposição firme do homem domina a natureza e o acaso.” E conclui: “Para chegar ao paraíso é preciso atravessar o abismo.”

Atravessar o abismo, correr o risco da queda, ou seja, defrontar-se com o limite e superá-lo independentemente das consequências. É como se Vadim falasse pela boca de personagens dostoievskianos como Raskólnikov, Ivã Karamázov, Kirílov.

Em 29 de janeiro de 1837 Púchkin é morto em duelo forjado pela Corte e Liérmontov sacode Petersburgo no dia seguinte com o poema A morte do poeta, no qual acusa a “turba sedenta” e os “verdugos da liberdade, do gênio e da glória” que estão no irônico de terem arquitetado o crime monstruoso. Substituiu Púchkin na literatura e nas perseguições movidas pela Corte.

Em 1840 Liérmontov publica seu único romance acabado — O herói do nosso tempo, provocando reações divergentes da crítica, umas totalmente contrárias ou beligerantemente negativas, outras reservadas e algumas favoráveis.

A simples escolha do sobrenome do herói já sugere a intenção do autor: Pietchórin deriva de pietchóri, que significa série de penhascos emaranhados. E sua personalidade traduz justamente esse emaranhado de penhascos, mostra alguém situado constantemente à beira do abismo, debatendo-se entre as suas imensas potencialidades criadoras e o pantanal estéril que era a Rússia de Nicolau I. No imenso atoleiro que era a Rússia dos anos trinta, o único herói possível seria aquele que personificasse a negação do próprio estatuto do herói convencional, que representasse o avesso de todo o sistema de atos degradantes promovidos à categoria de valores. Em tais circunstâncias, SER significava revelar-se o contrário, agir pelo avesso, simbolizar o socialmente "inaceitável" para, assim, colocar à perspectiva de ruptura do marasmo que dominava e imobilizava a sociedade. E Pietchórin patina, gira em torno de si mesmo, foge do mundo em volta porque tudo lhe é estranho, hostil, inaceitável. Sua solidão é ao mesmo tempo o seu refúgio, seus raros momentos de comunicação com o mundo exterior não conseguem desfazer a barreira que o separa desse mundo apenas formal, desprovido de autenticidade e calor humano autêntico. Não há possibilidade de entendimento entre o seu mundo interior e o mundo das convenções sociais modeladas pelas conveniências de todo. São dois opostos que se chocam e tornam o convívio impossível. A procura da afirmação da vida tropeça continuamente na constatação da sua impossibilidade, e a Pietchórin não resta outra alternativa senão a morte. Avesso à ordem, Pietchórin encontra raros momentos de prazer apenas ao lado de Vera, mulher casada, com quem realiza a transgressão da instituição do casamento. Foge da princesinha Mary, protótipo da moça casadora forjada pela sociedade, e da mesmice generalizada, um elo do sistema semiótico contra o qual ele se debate na ânsia de afirmar-se como o outro.

No dia 25 de junho de 1840 Nicolau I escrevia à czarina referindo-se a O herói do nosso tempo: "Romances como este pervertem a moral e exacerbam o caráter... As pessoas já são inclinadas demais à hipocondria ou à misantropia, logo, para que desenvolver tais tendências com semelhantes escritos? Portanto, repito, acho que se trata de um talento deplorável, que mostra a mente deformada do autor."

Pouco tempo depois Liérmontov era simplesmente assassinado num duelo totalmente absurdo. Cabendo-lhe atirar primeiro, ele dispara para o ar, mostrando que não queria bater-se. Serguêi Martinov, seu adversário, aproxima-se dele calmamente e dispara-lhe à queima-roupa em cima do coração, matando-o sem qualquer reação dos padrinhos.

Como se não bastasse a morte, Nicolau I proibiu qualquer menção escrita ao poeta, o que só veio a acontecer após a morte do imperador, já nos anos sessenta.

Seguindo o exemplo de Púchkin, Liérmontov inaugurava uma espécie de cadeia trágica que se abateria sobre os grandes poetas russos já no século XX, como Serguêi Iesiênin, Vladimir Maiakovski, Osip Mandelstam e tantos outros.

PREFÁCIO DO AUTOR

Em qualquer livro, o prefácio é, ao mesmo tempo, a primeira e a última palavra. Serve para explicar o objetivo da obra ou para justificar e responder às críticas. Mas os leitores sempre se mantêm à margem das finalidades morais e dos ataques da imprensa, e por isto não lêem prefácios, o que é lamentável, principalmente entre nós. O nosso público é ainda tão jovem e ingênuo que não entende uma fábula sem a moral da história no final. Não decifra burlas, não percebe ironias; é simplesmente mal-educado. Ainda não sabe que, numa sociedade decente e num livro também decente, não pode haver lugar para insultos ostensivos, que a cultura moderna inventou uma arma bem mais pungente, quase invisível porém mortal, que, sob o disfarce da lisonja, desfecha golpes certos e irrefutáveis. Nosso público parece aquele provinciano, que, após ouvir a conversa de dois diplomatas pertencentes a cortes hostis, fica certo de que ambos estão enganando os seus governos em benefício de uma amizade mútua mais que terna.

Não faz muito, este livro foi alvo da infortunada credulidade de alguns leitores e até de revistas pelo sentido literal das palavras. Uns ficaram terrivelmente ofendidos, e a sério, por se lhes imputar o exemplo de um personagem tão imoral como o de *O herói do nosso tempo*; outros observaram muito sutilmente que o autor tinha desenhado o seu próprio retrato e os retratos dos seus conhecidos... Velha e mesquinha brincadeira! Porém a Rússia parece ter sido feita de forma a que tudo nela se renove, menos esses absurdos. Entre nós, o mais fabular dos contos de fada dificilmente escaparia à acusação de atentar contra a personalidade!

O herói do nosso tempo, meus caros senhores, é realmente um retrato, mas não o retrato de um só indivíduo: é um retrato dos vícios de toda a nossa geração, que estão em pleno desenvolvimento. Os senhores me tornarão a dizer que o homem não pode ser tão mau, mas eu vos direi que se haveis acreditado na possibilidade da existência de todos os malfetores trágicos e românticos,

então por que não acreditais na realidade de Pietchórin? Se vos haveis deleitado com tramas bem mais terríveis e monstruosas, por que então esse caráter, mesmo como invenção, não encontra clemência da vossa parte? Não seria, por acaso, pelo fato de ele implicar mais verdade do que os senhores desejariam?...

Direis que a moralidade nada ganha com isso. Desculpai. Muita gente tem sido alimentada a doces, por isso anda de estômago deteriorado; são necessários remédios amargos, verdades azedas. Mas não fiqueis pensando, entretanto, que o autor deste livro tenha tido alguma vez o orgulhoso sonho de corrigir os vícios humanos. Deus o livre de tamanha ignorância! Achou simplesmente divertido descrever o homem contemporâneo tal como o entende e, para a sua e a vossa infelicidade, o homem que ele tem encontrado com mais frequência. Já é bastante que tenha apontado a doença, porque, como curá-la, só Deus sabe.

PRIMEIRA PARTE

papel mesquinho e indigno, e inclusive o reconhecimento; eis tudo o que posso fazer por vós. Por pior que seja o conceito que fizerdes de mim, a ele me submeterei. Concordais que sou vil diante de vós? Não é verdade que mesmo que me tenhais amado, a partir deste instante me desprezareis?...

Ela se voltou para mim, pálida como mármore; apenas seus olhos brilhavam de modo encantador.

— Eu vos odeio... — disse

Agradei, fiz uma respeitosa reverência e saí.

Uma hora depois, uma tróica postal voava comigo de Kislovodsk.

A algumas verstas de Essentuki reconheci ao lado da estrada o cadáver do meu veloz cavalo; a sela fora retirada — provavelmente por algum cossaco que passava — e no lugar dela havia dois corvos. Suspirei e voltei o rosto!...

E hoje, aqui nesta fortaleza enfadonha, relembro frequentemente o passado e pergunto a mim mesmo por que não quis enveredar por aquele caminho que o destino me facultara, onde me aguardavam doces alegrias e paz de espírito... Não! não me teria resignado a esse destino! Sou como um marinheiro que nasceu e cresceu na proa de um bergantim pirata: tem a alma acostumada a tempestades e batalhas e, lançado à margem, fica nostálgico e lânguido por mais que o seduza o frondoso arvoredo, por mais que o banhe de luz o sol pacato; passa dias seguidos vagando pelas arenosas praias, de ouvido atento ao monótono rumor do quebrar das ondas, o olhar perdido no nebuloso além, naquela faixa pálida que separa a voragem azul das nuvens plúmbeas, na esperança de avistar o veleiro sonhado, a princípio semelhante à asa da gaivota, mas pouco a pouco se distinguindo da espuma das ondas e avançando, cadenciado, em direção à solitária enseada...

O FATALISTA

Certa vez tive oportunidade de passar duas semanas numa *stanitsa*¹ de nosso flanco esquerdo. Ali estava aquartelado um batalhão de infantaria; os oficiais se reuniam uns em casa dos outros, alternadamente, e à noite jogavam cartas.

Certa noite, saturados do boston e tendo atirado as cartas sobre a mesa, ficamos até altas horas palestrando em casa do major S. A conversa, ao contrário do que normalmente acontecia, assumiu um aspecto interessante. Dizia-se que a fé muçulmana, para a qual o destino do homem está escrito no céu, encontrava muitos adeptos até entre nós, cristãos; cada um contava casos extraordinários em favor ou contra.

— Isso tudo nada vem provar, senhores — interveio o velho major. — Uma vez que nenhum dos senhores foi testemunha dos estranhos casos que mencionam para confirmar suas opiniões...

— Ninguém, realmente! — disseram vários —, mas nós os ouvimos da boca de pessoas dignas de crédito...

— Tudo isso é bobagem! — disse alguém. — Onde estão essas pessoas dignas de crédito, que viram a lista em que está marcada a hora da nossa morte?... E se é que existe mesmo a predestinação, então para que nos foi dada a vontade, a razão? Por que devemos prestar conta dos nossos atos?...

Nesse instante, um oficial que estava sentado num canto da sala, levantou-se e, aproximando-se lentamente da mesa, lançou a todos um olhar calmo e solene. Era de origem sérvia, como o demonstrava o nome.

O aspecto do tenente Vúitch correspondia perfeitamente ao seu

¹Aldeia cossaca na região do rio Don, de Kuban, etc. (N. do T.).

caráter. Alto e de tez bronzeada, cabelos negros, olhos também negros e penetrantes, nariz grande mas regular — traço característico de sua raça —, um sorriso triste e frio sempre a lhe vagar nos lábios, tudo isso parecia combinar-se para lhe dar a aparência de um ser especial, incapaz de partilhar suas idéias e paixões com aqueles que o destino lhe dera para companheiros.

Valente, falava pouco e era ríspido; a ninguém confiava seus segredos sentimentais ou familiares, quase não bebia vinho, nunca cortejava as jovens cossacas cujo encanto é difícil conceber antes de conhecê-las. Diziam, no entanto, que a mulher do coronel não era indiferente aos seus olhos expressivos, mas ele se zangava seriamente quando alguém fazia alusão a esse assunto.

Tinha apenas uma fraqueza que não ocultava: a paixão pelo jogo. Junto ao pano verde esquecia tudo, e geralmente perdia. Mas as constantes perdas apenas lhe excitavam a obstinação. Contavam que certa vez, durante uma expedição, à noite, ele montara a banca sobre um travesseiro; estava com uma sorte terrível. De repente ouviu-se um tiro, souou o alarme. Todos se levantaram de um salto e correram às armas. “Faça sua aposta!” — gritou Vúlitich a um dos seus mais alucinados parceiros, sem se levantar do lugar. “Jogo o sete”, respondeu o outro, pondo-se a correr. Apesar do alvoroço geral, Vúlitich terminou a distribuição das cartas. Ganhou o sete.

Quando ele chegou à linha de fogo, já havia um intenso tiroteio. Vúlitich não se preocupou com as balas nem com os sabres dos tchetchenos: estava à procura do seu feliz parceiro.

— Deu o sete! — gritou ao vê-lo finalmente entre os atiradores que começavam a expulsar do bosque o inimigo e, aproximando-se, tirou do bolso a carteira e o porta-níqueis e entregou-os ao felizardo, apesar de ele objetar dizendo que o pagamento era inoportuno. Depois de cumprir esse desagradável dever, precipitou-se para a frente, levando os soldados consigo, e até o fim do combate bateu-se com o maior sangue-frio contra os tchetchenos.

Quando o tenente Vúlitich aproximou-se da mesa todos se calaram, à espera de algo original.

— Senhores — disse (sua voz estava calma embora mais baixa que de costume) —, senhores, por que essas discussões inúteis? Os senhores desejam provas: proponho que alguém experimente em si mesmo se o homem pode dispor à vontade de sua vida ou se o momento fatal de cada um de nós está fixado de antemão... Quem deseja experimentar?

— Eu não, eu não! — gritaram de todos os lados. — Que homem mais esquisito! Meter na cabeça uma idéia dessas!...

— Proponho uma aposta — disse eu, em tom de brincadeira.

— Qual?

— Afirmo que não existe predestinação — declarei, atirando sobre a mesa umas vinte moedas de dez rublos, tudo o que tinha no bolso.

— Sustento a aposta — disse Vúlitich com voz abafada. — Major, o senhor será o juiz. Aqui estão quinze moedas de dez rublos; as cinco restantes o senhor me deve e peço a gentileza de juntá-las a estas.

— Está bem — disse o major. — Mas acontece que não estou realmente entendendo de que se trata... nem como o senhor vai decidir essa questão...

Vúlitich dirigiu-se em silêncio para o quarto de dormir do major. Saímos atrás dele. Ele se aproximou da parede onde estavam penduradas as armas e ao acaso tirou do prego uma das pistolas de diferentes calibres. Ainda não estávamos entendendo a sua intenção, mas quando ele armou o gatilho e socou a pólvora, muitos entre nós soltaram um grito involuntário e o seguraram pelos braços.

— Que estás querendo fazer? Isso é uma loucura! — gritaram-lhe.

— Senhores — disse ele com voz compassada, livrando-se das mãos.

— Quem deseja pagar por mim vinte moedas de dez rublos?

Todos se calaram e se afastaram.

Vúlitich dirigiu-se ao outro quarto e sentou-se junto à mesa. Todos saímos atrás dele: com um gesto convidou-nos a tomar assento ao redor. Obedecemos em silêncio: nesse instante ele assumiu sobre nós uma espécie de poder misterioso. Olhei-o atentamente nos olhos; mas ele sustentou com um olhar sereno e imóvel o meu olhar inquisidor, e seus lábios pálidos se abriram num sorriso. Entretanto, apesar de revelar o seu sangue-frio, li a marca da morte em seu rosto pálido. Tenho observado, e muitos soldados idosos confirmaram minha observação, que freqüentemente o rosto de quem deve morrer dentro de algumas horas traz a estranha marca do irremediável destino, de sorte que um olho experimentado dificilmente se equivoca.

— O senhor vai morrer hoje — disse-lhe eu. Ele se virou rapidamente para mim, mas respondeu pausado e calmo:

— Pode ser que sim, pode ser que não...

Depois, dirigindo-se ao major, perguntou se a pistola estava carregada. Desconcertado, o major afirmou que não se lembrava direito.

— Basta, Vúlitich! — gritou alguém. — É claro que está carregada, uma vez que o major a pendurou à cabeceira da cama... Isso é lá brincadeira que se faça!...

— Uma estúpida brincadeira — acrescentou outro.

— Aposto cinqüenta rublos contra cinco como a pistola está descarregada! — gritou um terceiro.

Fez-se uma nova aposta.

Fiquei aborrecido com essa longa cerimônia.

— Escute — disse eu —: dê um tiro na cabeça ou reponha a pistola no lugar e vamos dormir.

— Naturalmente — exclamaram muitos —, vamos dormir.

— Senhores, peço que não se movam dos seus lugares — disse Vúlitich, apontando contra a tâmara o cano da pistola. Todos pareceram estupefatos.

— Senhor Pietchórin — acrescentou. — Apanhe uma carta e atire-a para o ar.

Apanhei na mesa o às de copas, lembro-me ainda, e joguei-o para o ar: todos pararam de respirar, todos os olhares, cheios de horror e de uma espécie de curiosidade indefinida, correram da pistola para os às fatal que, piruetando no ar, caía lentamente. No instante em que o às tocou a mesa, Vúlitich puxou o gatilho e... a pistola negou fogo!

— Graças a Deus não estava carregada! — gritaram muitos.

— É, mas vamos confirmar — disse Vúlitich.

Tornou a levantar o gatilho, fez pontaria para um quepe pendurado sobre a janela e disparou... O tiro partiu, o quarto encheu-se de pólvora! Quando a pólvora se dissipou, apanharam o quepe; estava perfurado bem no centro e a bala penetrara a fundo na parede.

Durante uns três minutos ninguém pôde articular uma palavra. Com a maior calma, Vúlitich pôs em seu porta-moedas as minhas moedas de dez rublos.

Começaram a comentar os motivos pelos quais a pistola falhara no primeiro disparo; uns afirmavam que na certa o ouvido estava entupido, outros diziam que no princípio a pólvora estava úmida e que em seguida Vúlitich acrescentara pólvora fresca. Mas eu afirmei que tal suposição não era justa, porque estivera todo o tempo de olhos fixos na pistola.

— Você tem sorte no jogo — disse eu a Vúlitich...

— Pela primeira vez na vida — respondeu ele com um sorriso satisfeito. — Isto é melhor que a banca e o stós.

— Entretanto, é um pouco mais perigoso.

— E então, agora você acredita na predestinação?

— Acredito... Só não entendo por que razão me ocorreu que você iria morrer hoje de qualquer jeito...

Esse mesmo homem, que há tão pouco tempo apontara com a maior tranqüilidade uma pistola contra a própria tâmara, de repente corou e ficou desconcertado.

— Bem, basta — disse levantando-se. — Nossa aposta terminou e agora as suas observações me parecem inoportunas... — Pegou o gorro de pele e saiu. Isso me pareceu estranho, e não sem razão!...

Pouco depois se dirigiram para as suas casas, fazendo diferentes comentários sobre as extravagâncias de Vúlitich, e provavelmente me acusando de egoísmo por ter mantido uma aposta contra um homem que parecia querer suicidar-se, como se sem mim ele não pudesse fazê-lo!...

Voltei para casa pelas ruas desertas. A lua, cheia e vermelha como o clarão de um incêndio, começava a aparecer por trás da linha denteada dos telhados; as estrelas brilhavam plácidas no firmamento azul-escuro e achei engraçado quando me lembrei de que, outrora, homens muito sábios imaginavam que os astros celestes influíam nas nossas insignificantes disputas por um pedaço de terra ou certos direitos imaginários!... Pois sim! Esses lampiões que eles supunham acesos apenas para iluminar-lhes os combates e triunfos, brilham sempre com o mesmo esplendor, ao passo que as suas paixões e esperanças há muito se extinguíram junto com eles, como uma fagulha acesa na orla de um bosque pisada por um andarilho despreocupado. Mas, por outro lado, que força de vontade lhes dava a certeza de que todo o céu, com seus incontáveis habitantes, os contemplava com simpatia, silenciosa, é verdade, porém invariável!... E nós, seus mesquinhos descendentes, que vagamos pela terra sem convicções nem orgulho, sem prazer nem pavor, salvo aquele medo involuntário que nos oprime o coração quando pensamos no fim inevitável, já não somos capazes de grandes sacrifícios nem pelo bem da humanidade nem pela nossa própria felicidade, porque a sabemos impossível, e passamos indiferentes de uma dúvida a outra como os nossos antepassados se lançavam de um equívoco a outro, sem termos, como eles, nem esperança nem aquele prazer indefinido porém verdadeiro que a alma encontra em qualquer luta contra os homens ou contra o destino.

Muitas idéias semelhantes ainda me passavam pela mente; eu não as retinha porque não gosto de me deter em qualquer espécie de pensamento abstrato. Afinal, que se ganha com isso?... Na minha primeira juventude fui um sonhador: gostava de acalentar imagens ora lúgubres ora radiantes que me pintava a imaginação irrequieta e ávida. Mas que me restou de tudo isso? Apenas o cansaço, como depois de um combate noturno contra fantasmas, e ainda uma recordação vaga e cheia de lamentações. Nesta luta inútil gastei o ardor da alma e a constância da vontade, indispensável a uma vida real. Mergulhei nessa vida após tê-la vivido na imaginação, e senti tédio e nojo como quem lê a imitação barata de uma obra que há muito conhece.

O acontecimento daquela noite produziu em mim uma impressão bastante profunda e irritou-me os nervos. Não sei bem se hoje acredito ou não na predestinação, mas naquela noite acreditava firmemente nela.

A prova foi chocante e eu, apesar de haver zombado dos meus antepassados e da sua operante astrologia, acabei entrando involuntariamente pelo mesmo caminho. Entretanto me detive a tempo nesse perigoso desvio, e, tendo por norma nada negar terminantemente e em nada acreditar cegamente, joguei para o lado a metafísica e passei a olhar o que tinha sob os pés. Essa precaução foi muito oportuna: por pouco não caí, tropeçando em algo volumoso e mole, mas pelo visto sem vida. Abaixei-me — a lua já iluminava bem o caminho —, e vejam só! Diante de mim estava o cadáver de um porco partido em dois por um golpe de sabre... Mal pude observá-lo, ouvi o ruído de passos que se aproximavam: eram dois cossacos que vinham correndo de um beco. Um deles se aproximou de mim e perguntou se eu não havia visto um cossaco bêbado correndo atrás de um porco. Respondi que não, e lhes mostrei a infeliz vítima de sua valentia.

— Ah! bandido! — disse o segundo cossaco. — É só encher a cara de *tchikhír*,¹ e sai reduzindo a pedaços tudo o que encontra. Vamos atrás dele, Ieremêitch, precisamos amarrá-lo, senão...

Eles se afastaram e eu continuei o meu caminho com mais precaução, até finalmente chegar a salvo em casa.

Morava com um velho suboficial de cossacos, a quem estimava pelo seu bom caráter e sobretudo por sua linda filhinha Nástia.

Ela costumava me esperar junto à cancela, envolta num casaco de pele; a lua iluminava seus meigos lábios, arroxeados pelo frio da noite. Sorriu ao me reconhecer, mas eu não estava para ela. “Adeus, Nástia” — disse-lhe ao passar a seu lado. Ela quis responder alguma coisa, mas ficou só num suspiro.

Fechei a porta do meu quarto, acendi a vela e me atirei na cama; só que dessa vez o sono se fez esperar mais que o habitual. O nascente já começava a empalidecer quando adormeci, mas parecia escrito no céu que naquela noite eu não saciaria o sono. Às quatro da madrugada, dois punhos bateram à minha janela. Levantei-me de um salto: o que estaria acontecendo?... “Levanta-te, veste a roupa!” — gritaram-me várias vozes. Vesti-me às pressas e saí.

— Sabes o que aconteceu? — me perguntaram a uma só voz três oficiais que tinham vindo acordar-me. Estavam pálidos como a morte.

— O que foi que houve?

— Vúlitich foi assassinado.

Fiquei petrificado.

— Sim, assassinado — continuaram eles. — Vamos depressa.

— Para onde?

— No caminho saberás.

Saímos. Eles me contaram tudo o que havia acontecido, acrescentando várias observações a respeito da estranha predestinação que o havia salvo da morte apenas meia hora antes de ele morrer. Vúlitich ia passando sozinho por uma rua escura; de repente viu o cossaco embriagado que acabava de matar o porco, e este talvez passasse sem percebê-lo se de súbito Vúlitich não tivesse parado, perguntando: “A quem estás procurando, amigo?” — “A ti!” — respondeu o cossaco, dando-lhe um golpe de sabre e partindo-lhe o ombro quase até o coração... Os dois cossacos que me haviam encontrado e que perseguiam o assassino ainda chegaram a tempo, levantaram o ferido, mas este já estava no último suspiro e pôde dizer apenas três palavras: “Ele tinha razão!” Eu era o único que entendia o sentido funesto destas palavras: elas se referiam a mim, eu havia previsto involuntariamente o destino do infeliz. Meu instinto não me enganara; eu realmente lhe havia lido no rosto os sinais do fim próximo.

O assassino se havia trancado numa cabana abandonada na extremidade da aldeia. Fomos para lá. Uma infinidade de mulheres corriam chorando na mesma direção. De quando em quando um cossaco retardatário saía para a rua, metendo apressadamente o punhal na cintura, e passava correndo por nós. O alvoroço era terrível.

Enfim chegamos. A multidão se amontoara em torno da cabana, cujas portas e janelas estavam fechadas por dentro. Os oficiais e os cossacos discutiam calorosamente, as mulheres urravam e emitiam queixas e lamentos. Entre elas saltou-me à vista o impressionante rosto de uma velha, que traduzia a loucura do desespero; estava sentada num grosso tronco, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça apoiada nas mãos: era a mãe do assassino. Seus lábios de quando em quando se moviam: estaria murmurando orações ou expressava uma maldição?

Era necessário fazer alguma coisa para prender o assassino. Entretanto, ninguém se atrevia a ser o primeiro a entrar. Cheguei-me à janela e olhei para uma brecha do contravento: pálido, o cossaco estava deitado no chão, empunhando uma pistola com a mão direita, tendo a seu lado o sabre ensangüentado. Seus expressivos olhos giravam terríveis ao redor. Às vezes ele estremeia e agarrava a cabeça como se estivesse recordando confusamente o que acontecera naquela noite. Não li grande decisão no seu olhar intranquilo, e disse ao major que era perda de tempo ele não mandar os cossacos arrombarem a porta e se lançarem ao assalto; seria melhor fazê-lo agora do que depois que ele voltasse inteiramente a si.

¹Vinho tinto caucasiano de produção doméstica. (N. do T.)

146 / 147 / 148 / 149 / 150

Nesse instante um velho *essaul*¹ chegou-se à porta e o chamou pelo nome; o criminoso respondeu.

— Pecaste, mano Iefímitch! De sorte que não há nada a fazer, entrega-te — disse o *essaul*.

— Não me entrego — respondeu o cossaco.

— Teme a Deus, pois não és um maldito *tchetcheno* mas um cristão honrado. E já que foste arrastado ao pecado, não há remédio para ti: não fugirás ao teu destino.

— Não me entrego! — gritou o cossaco ameaçador, e ouviu-se o estalido do gatilho da pistola que se armava.

— Ei, tia — disse o *essaul* à velha. — Fale com seu filho, pode ser que ele lhe obedeça... Assim não faz mais que provocar a ira de Deus. E veja que estes senhores já estão há duas horas esperando.

A velha o encarou e sacudiu negativamente a cabeça.

— Vassíli Pietróvitch — disse o *essaul*, aproximando-se do major —, ele não vai se entregar, eu o conheço. Se arrombarmos a porta matará muitos dos nossos homens. Não seria melhor matá-lo a tiros? Há uma boa brecha na veneziana.

Nesse instante ocorreu-me uma idéia estranha: como Vúlitch, quis experimentar o meu destino.

— Espere um pouco — disse eu ao major. — Vou agarrá-lo vivo.

Mandei o *essaul* desviar-lhe a atenção conversando com ele e coloquei junto à porta três cossacos prontos para arrombá-la e lançar-se à minha ajuda ao primeiro sinal. Contornei a cabana e cheguei-me à janela fatal. Meu coração batia forte.

— Ah! maldito! — gritava o *essaul*. — Por que estás zombando de nós? Ou pensas que não poderemos contigo?

Começou a bater na porta com toda a força: eu, de olho fixo pela brecha, observava os movimentos do cossaco, que não esperava um ataque por aquele lado. De repente arrombei o contravento e saltei pela janela de cabeça para baixo. Um tiro soou bem acima do meu ouvido e a bala me arrancou uma dragona. Mas a fumaça que tomou conta da sala impediu o meu inimigo de encontrar o sabre que estava a seu lado. Agarrei-o pelos braços: os cossacos irromperam e em menos de três minutos o criminoso estava amarrado e sob guarda. A multidão se dispersou. Os oficiais me felicitaram — e realmente havia razão para isso!

Desse modo, como não iria me tornar um fatalista? Ora, quem sabe ao certo se está ou não convencido do que quer que seja?... E

¹Patente militar das tropas cossacas, que no exército czarista correspondia a capitão de infantaria. (N. do T.)

com que freqüência tomamos por convicção um engano dos nossos sentidos ou um equívoco da razão!...

Gosto de duvidar de tudo: essa tendência não impede que se tenha firmeza de caráter. Ao contrário, no que me diz respeito, avanço sempre mais decidido quando não sei o que me espera. Ora, pior do que a morte nada pode acontecer — e à morte ninguém foge!

De volta ao forte, contei a Maksim Maksímitch tudo o que me acontecera e o que presenciara, e perguntei-lhe o que pensava a respeito da predestinação. Ele a princípio não entendeu bem essa palavra, mas eu lhe expliquei como pude e então ele disse, balançando com imponência a cabeça:

— É! Trata-se realmente de uma coisa bastante complicada! O certo é que esses gatilhos asiáticos falham freqüentemente se são mal lubrificados ou se não se aperta o dedo com bastante força. Confesso que também não gosto dos fuzis circassianos; para nós não servem lá muito bem. A coronha é curta, e se a gente não tiver cuidado, acaba queimando o nariz... Mas em compensação os seus sabres... São simplesmente o meu sonho!...

Após um breve silêncio, acrescentou:

— É, coitado... O diabo o empurrou a conversar de noite com um bêbado!... Bem, pelo visto era esse o seu destino...

Nada mais pude obter dele. Geralmente não gosta de divagações metafísicas.